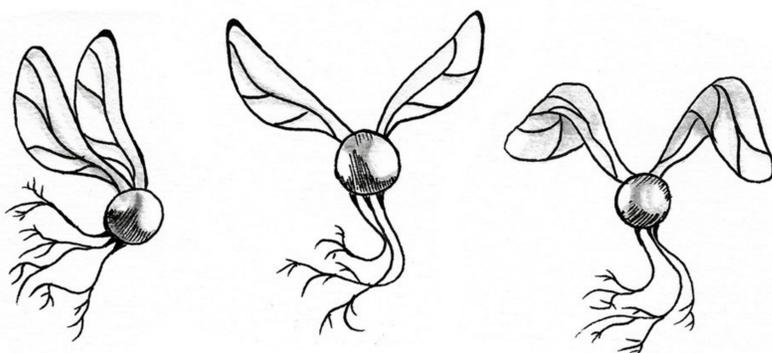


Claro que você não imaginava que, ao se debruçar sobre a história dos namundos, ficaria tão perto que acabaria vazando sua própria cabeça para as proximidades do planeta.

Ninguém imagina que as lentes pelas quais observa o outro pode fazer parte de um telescópio de mão dupla – ainda que o telescópio esteja num pedaço de papel muito específico. Se você olha para o abismo, o abismo te olha de volta, etc.

O Universo é essa grande rede de consequências, em que mesmo pequenos e inofensivos gestos podem, de alguma forma, repercutir – inclusive em civilizações distantes, insondáveis, fantásticas.

Assim os namundos seguem, irreversivelmente tocados pela sua presença, e assim você também segue, com essa inesperada responsabilidade de ser o deus ex machina deles, mas com a consciência tranquila de poder se afastar desse telescópio e voltar para o seu mundo, onde certamente nada parecido com essa história acontece.



O DEUS DOS NAMUNDOS

ALINE VALEK

1. Sempre que vinha qualquer vento quente carregando glóbulos voadores, braços e dedos compridos se agitavam na Noite. Parecia uma floresta, aquele manancial de braços para cima. Uma floresta iluminada, bolinhas vermelhas grudadas nos dedos, quentes e brilhantes na escuridão. Parava o vento e os braços abaixavam, enfiando na boca a mão cheia de glóbulos.

As asas eram secas. O gosto de vida e verão vinha do recheio, úmido, suculento. Tão bom quanto degustar uma mão cheia de glóbulos voadores era sentir a brisa quente bater no rosto, nos peitos e braços. Fazia apenas frio em Noite, então toda brisa morna e bafinho no cangote que pudessem ter eram sempre bem-vindos.

Sim, muitos ali detestavam Noite, mas não era como se os namundos – as criaturas que vimos erguer os braços – tivessem qualquer escolha e pudessem migrar para um lugar mais quente. Pegar as trouxinhas e adeus, vou me mudar. Não, não.

Namundos nasciam grudados à terra, brotavam pela cintura. Não possuíam pés ou pernas, nem no corpo nem no vocabulário. Tampouco raízes; o corpo era colado ao chão, como brotoejas na superfície do planeta.

Os pequenos namundos aprendiam lições de Geobiologia desde cedo com seus tutores – ou seja, qualquer namundo mais velho nos arredores de onde brotasse uma criança. Pequenos eram sempre curiosos, e os adultos, cheios de respostas prontas. Era então que entendiam que havia Dia, a extremidade do planeta iluminada pela estrela-mor, e Noite, na extremidade oposta, que ficava à sombra.

O planeta se chamava Carolina, por algum motivo que nem os antigos tinham idade o suficiente para saber por quê.

Porém, tempo era uma medida relativa em Carolina. O planeta não girava e portanto não havia passagem dos dias, semanas, estações. Quer dizer, até girava, mas sua força motora dependia do movimento dos namundos: quando todos eles inclinavam seu corpo para o mesmo lado, todo aquele peso coletivo fazia o planeta se mover no espaço e girar, bem devagar.

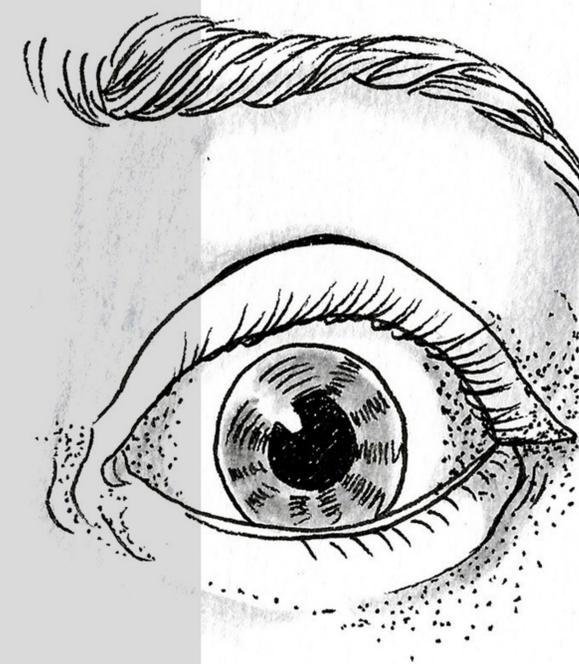
O problema era que os namundos raramente entravam em acordo.

Uns queriam se mover para um lado, outros para o outro, outros ainda achavam que era melhor que Carolina continuasse assim, imóvel.

Obviamente, convinha aos habitantes do Dia a posição atual do plane-

**NAMUNDOS ERAM OS
BRAÇOS DE CAROLINA,
QUE, BAILARINA, DAVA
PIRQUETAS AO REDOR
DA ESTRELA-MOR.**

EPÍLOGO



- A CABEÇA
VOADORA É
UM DEUS.

- A CABEÇA
VOADORA É
UM PLANETA!

- UMA
ALUCINAÇÃO.

- NÃO, É
UM ALIEN!

Depois de um tempo, a cabeça desapareceu. Mas sua memória não: correram por Carolina histórias que tentavam explicar o fenômeno:

- O Deus da Justiça apareceu para punir nosso povo por ter se recusado ao impulso natural de se inclinar! Ele voltará para acabar com nosso mundo se Carolina estagnar novamente!

- A Cabeça Voadora é um planeta que aparece a cada cinco mil gerações na órbita de Carolina. Basta observar os cálculos para concluir que, se nosso planeta estiver girando, as órbitas se desencontram e não precisamos lidar com essa visão horrorosa novamente.

- Olha, acho que foi uma alucinação coletiva. Pelo menos conseguiu reunir todas as tribos e trouxe um pouquinho de igualdade para Carolina.

- Era um alien, gente. Óbvio.

O tempo passou e a questão continuou um mistério; especialmente porque os namundos ficaram por mais algumas gerações ocupados se adaptando ao novo status giratório de Carolina: precisaram criar um calendário, remédios para dor nas costas e maneiras de distribuir melhor as colheitas - os canais de vento novamente tiveram papel fundamental na solução do problema, mas essa é outra história.

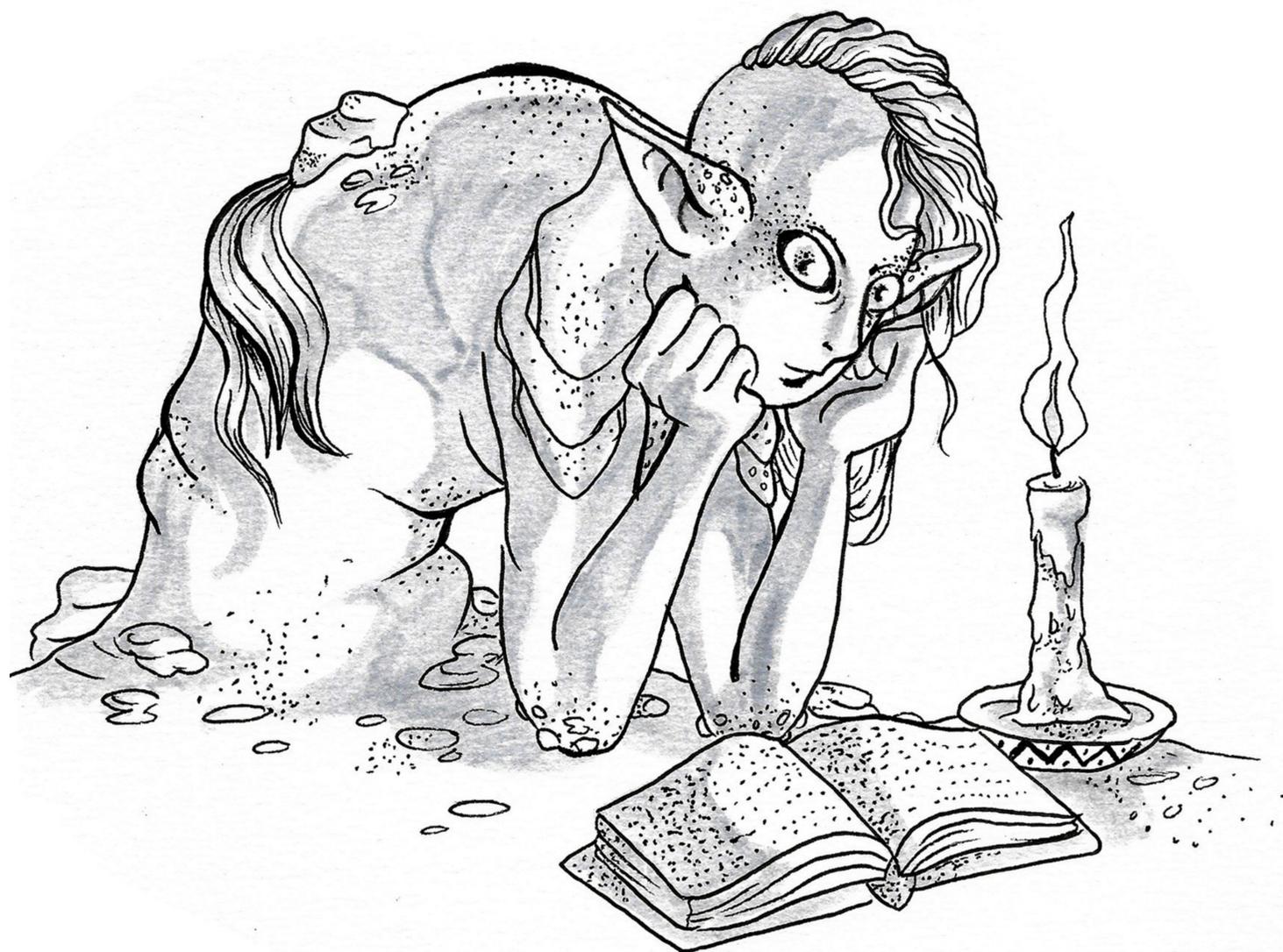
Muito mudou. Mas as diversas explicações para a cabeça voadora apenas reforçaram um fato imutável sobre os namundos: esse pessoal não conseguia mesmo entrar em consenso sobre nada.

ta: eram bronzeados, saudáveis, ficavam do lado com maior diversidade de alimentos, podiam pensar em outros assuntos que não fossem formas de se manterem aquecidos.

Os historiadores contam que, na juventude da espécie, bem antes do domínio da linguagem, cada namundo já brotava com o impulso de inclinar seu corpo para determinado lado, e assim passavam-se os dias, as estações, desenvolvia-se o clima que fez evoluir as formas de vida e esculpir a face do planeta.

Namundos eram os braços de Carolina que, bailarina, dava piruetas ao redor da estrela-mor.

A coisa toda começou a desandar quando os namundos tomaram consciência de que o movimento de Carolina no espaço era causado pela inclinação de seus corpos. O tipo de estrago que se espera de toda civilização assim que descobre o poder do controle.



2. “O dia é uma hora tão gostosa e nos deixa tão felizes e com tanta energia. Por que ter isso apenas metade do tempo, se podemos ter para sempre?”, alguém questionou em um dos lados, e logo a ideia se espalhou entre seus vizinhos, e os vizinhos dos vizinhos.

Os namundos do outro lado sentiram um solavanco, e de repente a noite não passava mais, por mais que fizessem força e quase se deitassem no chão de tão inclinados. Ficaram cansados e depois com frio e então o planeta não mais se mexeu.

Essa versão é contada pelos livros de História escritos e encadernados no lado da Noite, que nunca chegaram ao Dia. “Noitistas”, eles diziam com desprezo do outro lado. “Têm inveja de nós, então inventam essas mentiras”.

Enquanto de um lado contavam que foi o povo de Dia, egoísta, que resolveu deixar o planeta numa posição que os privilegiasse, as versões do outro lado eram várias:

- NOITISTAS SÃO PREGUIÇOSOS. FORAM ELES QUE PARARAM DE SE INCLINAR PORQUE AS COSTAS DOÍAM.

- PARARAM EM NOITE PORQUE A LUZ LHEZ FAZ MAL. FAZEMOS UM FAVOR DEIXANDO O PLANETA PARADO; ELES NÃO RESISTIRIAM À LUZ DO DIA!

- QUERIAM NOS DEIXAR COM TODO O TRABALHO DE GIRAR O TEMPO, MAS NOS LIBERTAMOS DESSA OPRESSÃO E TAMBÉM PARAMOS! TERMOS FICADO DO LADO DO DIA FOI PURO ACASO.

- COM NOSSO ESFORÇO, SOZINHOS, FIZEMOS O MUNDO GIRAR PARA CHEGAR ATÉ AQUI. MERECEMOS O DIA. SE NÃO ESTÃO SATISFEITOS COM A NOITE, QUE SE ESFORCEM PARA FAZER O MUNDO GIRAR, UÉ!

- NOITISTAS SÃO MALÉFICOS, NADA CONFIÁVEIS. QUEREM MOVER O MUNDO PARA, QUANDO CHEGAREM AO DIA, TOMAREM A FACE ILUMINADA SÓ PARA ELES E NOS CONDENAR AO FRIO ETERNO DA NOITE, ETC.

CAROLINA COMEÇOU
A SE MEXER
BEM DEVAGAR.
RODOPIOU.
O TEMPO CORREU.
ANOITECEU
EM DIA.
AMANHECEU
EM NOITE.

O medo é uma força poderosa. Estavam tão apavorados, consumidos pelo terror acachapante de olhar para aquela criatura que orbitava muito além de suas capacidades de compreensão, que, pela primeira vez, sem precisar dizer palavra, concordaram em para qual lado se inclinar, todos de uma vez: para longe daquela cabeça.

Não podendo correr, fizeram o planeta correr por eles. Carolina começou a se mexer bem devagar. Rodopiou. O tempo correu. Anoiteceu em Dia. Amanheceu em Noite.

Foi doloroso ver a luz pela primeira vez, mas o que os habitantes do lugar antes conhecido como Noite realmente estranharam foi aquela cabeça gigantesca flutuando no espaço, olhando para eles como se não houvesse nada mais interessante para observar.

“Por isso o pessoal do Dia não quis se inclinar por tantas gerações?”

Por mais que achassem difícil imaginar que o povo do Dia teria preferido aquele lado para ficar de cara para aquela figura bizarra o tempo todo, chegaram à conclusão que aquela cabeça só podia ser deus. Um deus não muito aprazível de se olhar, mas deus não se discute.



4. Dois jovens namundos jogavam uma partida de quicobal quando apareceu no céu uma enorme cabeça. A bola estava no ar no exato instante em que ela apareceu, e parecia que seria devorada por aquela aparição pavorosa. A bola caiu e quicou, mas não foi ponto. Ninguém contava mais o placar. Os namundos todos olhavam para o céu, em choque.

Era uma cabeça tremenda. Flutuava no espaço, e era o máximo a que se podia comparar a um planeta; até então não havia registros de corpos celestes com testas enormes e olhos esbugalhados. Céus, aquele troço tinha cílios com tamanho suficiente para varrer a superfície de Carolina.

Não se parecia com nada antes visto. Por isso mesmo provocou nos namundos algo jamais sentido: a vontade de fugir.

Os habitantes de Amanhecer e Anoitecer também tendiam a concordar com as versões dos habitantes do Dia, mas só porque tinham medo: qualquer movimento para trás ou para frente e se veriam perpetuamente na escuridão. Moravam no meio do tiroteio; pelo menos ainda tinham luz.

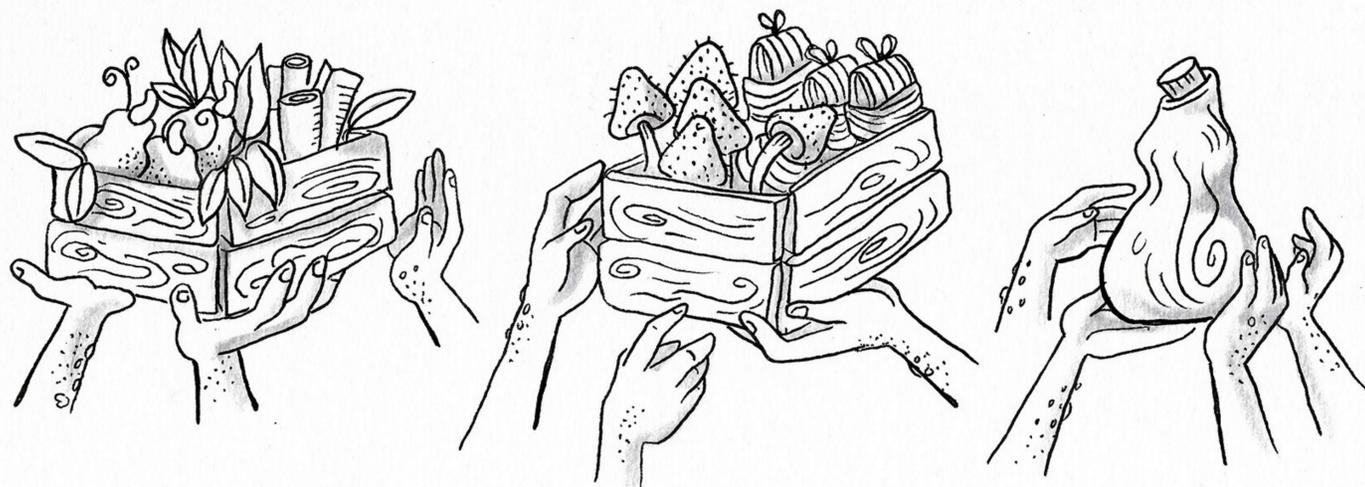
Não era apenas na visão de mundo que os namundos de uma e outra extremidade se diferenciavam; a posição do planeta influenciou a evolução da espécie também na aparência.

Habitantes da Noite tinham olhos de toupeira, pele dura sobre uma camada grossa de gordura, para os proteger do frio perpétuo. Suas corcundas eram o cansaço impresso em suas posturas, o esforço constante de se inclinarem na tentativa de levar aquele pedaço de terra para a luz.

Do outro lado, os habitantes eram esguios, altos. Postura impecavelmente reta, como se sempre trouxessem nas pontas de seus narizes um bastão e suas vidas dependessem de mantê-lo equilibrado. Sabe como é: não queriam correr o risco de se inclinarem o mínimo que seja e acabarem,

por acidente, fazendo Carolina girar. No entanto, ainda que pertencessem ao mesmo lado, namundos não eram todos iguais.





3. Seba Irania, como toda revolucionária, morreu sozinha. Seu nome foi proibido do lado do Dia e coberto com pedras, para nenhum outro namundo jamais brotar dali. Ela foi a última namundo a tentar se rebelar e quebrar a ordem natural das coisas, mas figuras assim sempre se dão mal.

Quando pequena, deitava no chão para ouvir o som dos insetos rastejando sob a terra. Os túneis subterrâneos faziam cócegas. Mas era sempre repreendida por seus tutores: “postura, Seba!” Com o tempo, aprendeu que era mais que uma questão de elegância. A coluna reta mantinha a ordem do mundo.

Algo dentro dela mudou quando soube dos outros: havia namundos como ela do outro lado da terra, num lugar onde a luz jamais chegava. Ela olhava para o chão e tentava imaginar, muito além dos túneis dos insetos e dos lençóis d'água, como viviam esses parentes distantes. Sonhava em conversar com eles, em conhecer seu modo de vida, em sentir no próprio corpo um pouco da brisa fria que passava por eles.

Pensou tanto neles que passou a não achar justo. Se trazer um pouco de igualdade para Carolina dependia apenas de um movimento, por que ali não faziam nada?

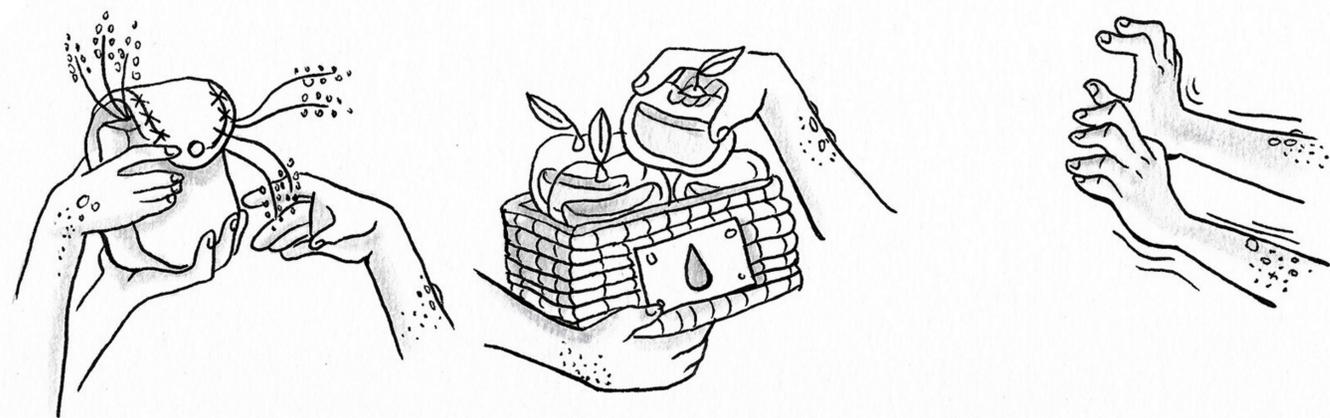
Questionar em voz alta não adiantaria. Começou a escrever.

Com frequência, passava a Feira: caixas de suprimento com bebidas, comidas, ferramentas, troca de objetos. Passava de mão em mão, a única forma de transportar algo por ali. Era assim que Seba esperava que suas palavras chegassem mais longe: quando a caixa passava por ela, pegava suas compras da vez, deixava seus textos num gesto furtivo, passava a caixa adiante.

Os textos enfureceram muitos, mas plantaram uma semente perigosa: alguns começaram a pensar.

“É preciso se deitar”, diziam os manifestos anônimos.





**PENSOU TANTO NELES
QUE PASSOU A NÃO
ACHAR JUSTO.
SE TRAZER UM POUCO
DE IGUALDADE PARA
CAROLINA DEPENDIA
APENAS DE UM
MOVIMENTO,
POR QUE ALI NÃO
FAZIAM NADA?**

Namundos do Dia começaram a se inclinar, aqui e ali. Mas assim que revelavam sua rebeldia, eram isolados pelos namundos próximos. Não recebiam mais comida, nem olhares, nem palavras. Totalmente isolados, sem recursos, sem amigos. Uma muralha de namundos hostis plantados ao redor. Assim a Revolução dos Deitados acabou antes de começar. Já havia acontecido outras vezes.

Foi mais difícil identificar quem havia começado aquilo, mas eventualmente Seba foi descoberta. A Feira deixou de passar por ela e todos seus vizinhos, amigos e tutores lhe viraram as costas. Num lugar em que não se conseguia ir a lugar algum, ser excluída da bolha das relações próximas era a morte. Seba teve que cavar para conseguir comer. Mas nem todos os insetos que conseguisse à distância de um braço a mantiveram viva para ver o que viria a seguir.

A tentativa de revolução despertou os namundos para a necessidade de medidas de segurança. Era preciso mais do que apenas não se inclinar.

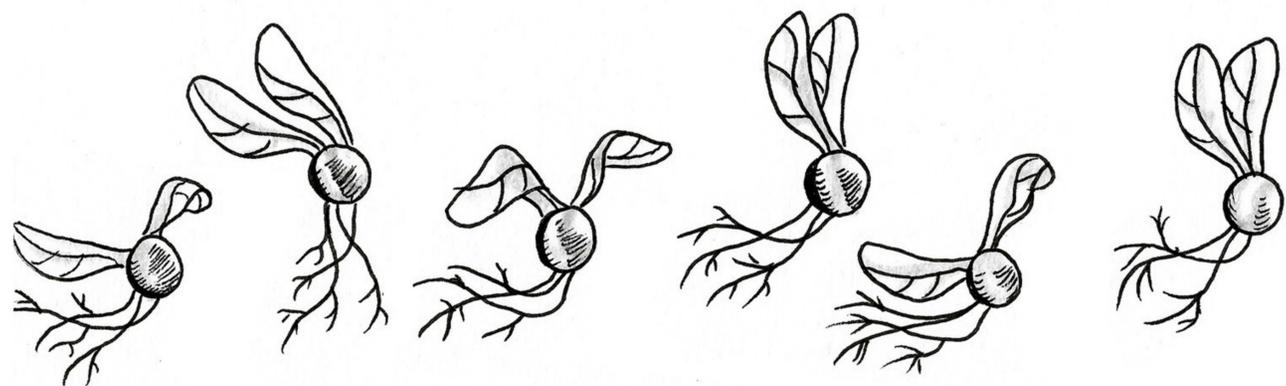
Foi Daran Saxo quem teve a ideia. Ou talvez alguém muito perto dele, o que não fazia diferença; se em um ponto havia um inventor, alguém engenhoso e cheio de ideias, os namundos ao redor se tornavam colaboradores, construtores. Um grupo para realizar ideias juntos, porque sozinho se podia fazer muito pouco, quase nada, em Carolina.

Neste ponto da civilização, conhecimento não faltava para se aplicar na área de transportes: havia recursos e estudo o suficiente para criar trilhos, túneis e sistemas de roldanas para que suprimentos passassem por cada habitante do Dia; até para atravessar o planeta e levar maior variedade de alimentos para Noite. Mas essa tecnologia nunca foi para frente.

Não pegou, não saiu do papel, faltou boa vontade. Não acharam que seria uma boa ideia investir esforço em algo com potencial de gerar tanta mudança. Eles ficavam tontos só com a ideia de mudanças.

Um transporte tão eficiente, na verdade, seria um problema: acabaria com uma das únicas formas de controle social daquele lado do planeta. Como prevenir revoltas e manter a ordem – de postura e pensamento – se não pudessem impedir que desviantes tivessem acesso ao sustento?

Daran Saxo foi um talentoso engenheiro Biomecânico que passou anos tentando responder esta pergunta. Sua grande ideia só veio quando ele parou de buscar a resposta nos mesmos lugares – roldanas, cordas, mecanismos, geringonças – e prestou atenção num pequeno glóbulo voador que pousou num dos seus papéis.



empregada num propósito com o qual seu povo concordaria.

Cultivados em extensas fileiras de pasta melada, esses glóbulos tornaram-se mais suculentos e doces, além de mais resistentes à longa viagem. Noitistas não resistiriam ao sabor e se esticariam para catá-los no ar.

Todos celebraram a ideia: se do outro lado não se inclinassem o tempo inteiro, a posição do povo do Dia estaria segura. Rebeldes que se deitassem aqui e ali não fariam tanta diferença; apenas teriam seus nomes e existências apagados da História.

Já o de Daran Saxo não foi esquecido. Virou nome de música e de doce tradicional feito com granulado de frutas.

Ele o pinçou entre os dedos e o levou à boca, saboreando cada momento da explosão doce que vinha quando os dentes partiam a casca.

Pés-de-glóbulos-voadores nasciam nas várzeas das regiões mais quentes do Dia, mas seus frutos eram frágeis e não conseguiam voar mais do que alguns quilômetros – por isso era sinal de boa ventura receber a visita de uma dessas delícias.

Algo naquele sabor fez os neurônios certos em Daran Saxo se iluminarem.

Sua ideia era simples, mas exigia um esforço coletivo tremendo: consistia em criar canais de corrente de ar para conduzir glóbulos voadores para o outro lado de Carolina. A tecnologia eles já possuíam, mas finalmente seria

